

## **Samuel Rawet – *Contos e novelas reunidos***

Organização de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Regina Dalcastagnè

No jogo da consagração literária, Samuel Rawet (1929-1984) integra o time dos perdedores. Seu livro de estréia, os *Contos do imigrante* (1956), foi considerado por Assis Brasil um dos marcos da renovação da narrativa brasileira, no mesmo patamar de *Grande sertão: veredas*, lançado no mesmo ano<sup>1</sup>. Nas décadas seguintes, Rawet publicou outros quatro volumes de contos, além de duas novelas e diversos pequenos volumes de ensaios. Mas, a cada livro, passava a uma posição mais periférica no campo literário. Duas décadas após sua morte, estava quase esquecido, com um único título que ainda podia ser encontrado nas livrarias (uma reedição de bolso dos *Contos do imigrante*), relegado às notas de rodapé dos manuais, pouco estudado nas universida-

---

<sup>1</sup> Assis Brasil, *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

des, afastado das antologias – *Os cem melhores contos brasileiros do século*, para lembrar apenas do *best-seller* organizado por Ítalo Moriconi, ainda inclui “Gringuinho”, mais uma vez de *Contos do imigrante*, mas ignora a obra posterior de Rawet.

Parte deste esquecimento se explica pelo isolamento em que viveu o escritor, uma personalidade excêntrica, avesso às panelinhas literárias; ou pelo destempero que o fazia, por exemplo, renegar suas origens de judeu polonês, emigrado para o Brasil aos sete anos, em termos que flertavam com o anti-semitismo. Mas a outra parte da explicação está em sua própria obra. Os *Contos do imigrante* já mostram importantes inovações formais e temáticas, mas os livros seguintes tornam-se crescentemente pessoais, exigentes, herméticos. Samuel Rawet produziu uma das obras mais originais e instigantes da segunda metade do século XX, mas também uma das mais difíceis e desafiadoras.

A publicação de *Contos e novelas reunidos*, com organização de André Seffrin, é a oportunidade para rever o escritor e re-situá-lo na literatura brasileira do período. O volume contempla toda a ficção publicada em livro de Rawet – além dos *Contos do imigrante*, os contos de *Diálogo* (1963), *Os sete sonhos* (1967), *O terreno de uma polegada quadrada* (1969) e *Que os mortos enterrem seus mortos* (1981); e as novelas *Abama* (1964) e *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado* (1970). Ficam de fora (além dos ensaios, que são pouco mais do que o registro da confusão mental do escritor, sem interesse para os não-especialistas) os textos publicados apenas em jornal ou revistas, os manuscritos inéditos e uma vasta produção para o teatro.

As novelas e contos de Samuel Rawet se organizam em torno de um conjunto reduzido de temas e preocupações, aos quais o escritor sempre retorna. Uma constante é a profunda crítica à tradição – não apenas às tradições judaicas, como alguns de seus críticos destacam, mas à idéia de tradição em si. Para o pensamento conservador, as tradições são o repositório da sabedoria acumulada pelas gerações, um conhecimento transformado em regras práticas, de aplicação automática, e em axiomas que dispensam reflexão. O romantismo de um Walter Benjamin retém a mesma valoração positiva, ao contrapor a narrativa oral tradicional, veículo de saberes que atravessam gerações, ao romance contemporâneo, obra individual desprovida de sabedoria<sup>2</sup>. Para Benjamin, a passagem do narrador para o romancista é marcada para uma *perda*; a ultrapassagem da tradição, assim, é percebida como empobrecimento da experiência humana.

---

<sup>2</sup> Walter Benjamin, “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolau Leskov”, em *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Rawet, ao contrário, vê que a dissolução das tradições é um processo positivo e libertador. Para ele, a tradição e a experiência engessam a vida<sup>3</sup>. Embora possa ser doloroso abdicar delas, que tornam nossa existência mais fácil e mais previsível, o resultado do processo é mais autonomia. Como diz a personagem do conto “Crônica de um vagabundo”, integrante do livro *Os sete sonhos*: “Nós, os velhos, temos o péssimo hábito de falar em experiência. Não cometerei este erro, meu rapaz. Mas talvez lhe sugira uma experiência que existe em você mesmo, que pertence ao futuro, e que basta apenas ser despertada” (p. 223). Há, aí, não só a negação da importância da experiência como reguladora da vida, como também uma impressionante abertura para a imprevisibilidade do que ainda está por vir.

Além de castradora, a experiência não pode ser verdadeiramente comunicada. Rawet insiste – e este é outro de seus temas recorrentes – na impossibilidade de transmissão de experiências. O que resta, das tentativas frustradas de comunicação, é um simulacro de troca e a hipocrisia, que ele vê como marca dominante das relações sociais e afetivas. Sob este ponto de vista, há uma notável unidade em sua obra. “O profeta”, narrativa que abre a coletânea inaugural *Contos do imigrante*, traz a história de um judeu que, saído de um campo de concentração nazista, reencontra o irmão que não viveu a mesma história. Todo o conto marca a distância intransponível que os separa – um não pode falar e o outro não quer ouvir. Sobra a hipocrisia, até que um deles desiste, e parte.

Vinte e cinco anos depois, o último livro do autor é aberto por outro conto – “O riso do rato” – em que o problema da hipocrisia só se reforça. É sobre dois irmãos, ricos e bem vistos na sociedade, que abusam sexualmente de um terceiro, mais jovem e retardado. A perspectiva, enojada, é a do pai de um garoto que descobre tudo e observa o riso debochado do irmão mais velho, pensando em matá-lo, mas que desiste quando percebe que “a vingança só tinha sentido quando envolvia a condição humana” (p. 349).

Neste meio tempo, mantendo intactas suas preocupações iniciais, a ficção de Rawet se torna mais densa, mais complexa e, também, mais sombria. O silêncio, gerado pela impossibilidade de comunicação, vai se tornando muito mais que conteúdo em suas histórias – faz-se forma, rompendo, muitas vezes, o contato com o próprio leitor. Surge então uma espécie de fissura, que se não torna suas narrativas mais belas, ao menos dá uma estranha e dolorosa coerência à sua obra.

---

<sup>3</sup> Para uma análise da obra de Rawet focada nesta questão, ver Marcus Corrêa Fernandes, *Narrativa e experiência na obra de Samuel Rawet*. Dissertação de mestrado em Literatura Brasileira. Brasília: TEL/IL/UnB, 2002.